

# Três formas diferentes de ler Tiago Rodrigues

Luís Mestre

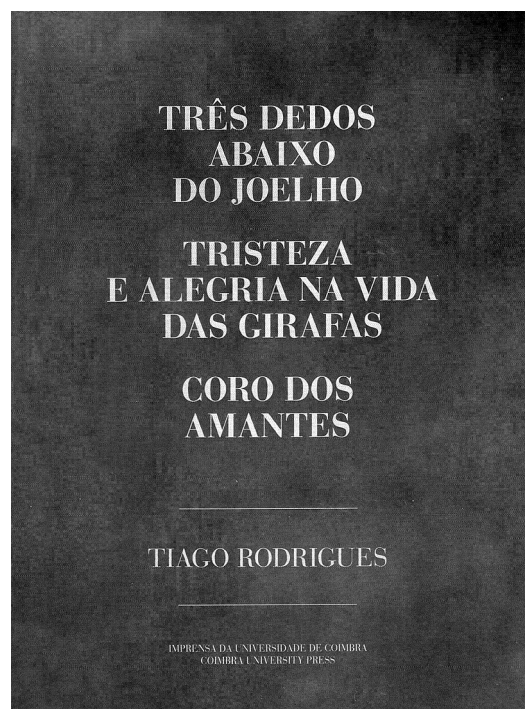
Tiago Rodrigues, *Três dedos abaixo do joelho / Tristeza e alegria na vida das girafas / Coro dos amantes*, Posfácio de Fernando Matos Oliveira, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, 120 pp.

*e agora?  
agora isto  
e isto somos nós no presente  
somos nós a pegar na vida  
a não saber  
o que vem a seguir*

Tiago Rodrigues  
*Coro dos amantes*

Tiago Rodrigues, actor, dramaturgo, produtor, encenador, fundador e director artístico do Mundo Perfeito – estrutura que criou em 2003 com Magda Bizarro – é um dos artistas mais ecléticos do nosso país. Recentemente, o jornal *Público* considerou Rodrigues um dos mais influentes jovens criadores da última década em Portugal. É num volume publicado pela Imprensa da Universidade de Coimbra, assinalando em livro o projecto "dramaturgo residente", associado ao Teatro Académico Gil Vicente em Coimbra, que podemos encontrar três textos seus, criados em três momentos diferentes de escrita.

Em *Coro dos amantes* (2007), Tiago Rodrigues revisita uma peça breve que escreveu e estreou em 2006, no Teatro Maria Matos, com um título mais longo: *Coro dos amantes a caminho do hospital*. A versão de 2007 é mais longa e optimista e inclui uma interessante alteração na forma: em vez de dividir o texto em actos e cenas, são canções, interpretadas por um coro, que organizam a sequência desta peça. O casal referido na peça tem uma simples e curta indicação de caracterização: "Ele" e "Ela". Para além do género das personagens, não existe qualquer indicação cénica: estamos perante duas entidades descaracterizadas, dois seres anónimos. Neste texto, Rodrigues acolhe abertamente a coralidade e logo na primeira linha de diálogo somos atingidos por palavras directas que têm por objectivo criar uma empatia com estas personagens: "Ele" e "Ela" recitam dirigindo-se a nós, leitores, e só muito raramente à outra personagem em cena. Temos sempre duas visões do mesmo momento, da mesma viagem. E quando por instantes as duas personagens se confrontam, voltam-se para nós muito rapidamente, usando de novo a terceira pessoa, como se fosse inevitável a presença de



um ouvinte, ou de vários, no seu diálogo interior, um ouvinte não-participante nessa noite quase fatal. Mas qual é a história que esta canção transporta? Nesta viagem de urgência ao hospital "Ela" encontra-se entre a vida e a morte. Esta jornada (quase) fatal provoca no casal um turbilhão de memórias, emoções e sentimentos. Podemos constatar que a ideia base da peça é um cliché: a vida passa à nossa frente quando estamos a perdê-la. Mas o autor desvia-se desse mesmo cliché através da forma e do veículo que criou para contar a história de duas personagens banais e anónimas. O texto de Rodrigues é uma constante reflexão de um casal sobre a sua vida envolta em banalidades, tempo perdido e frustrações. Em alguns momentos podemos perceber que é a voz do autor que é veiculada através da voz das personagens com o recurso à polifonia:

ELA: tanto tempo perdido / a fazer pequenas coisas / pequenas coisas sem importância / a ver os noticiários / a ler os jornais / a tomar cafés / a enviar facturas / a escrever mails / a falar ao telefone / a agraphar papéis / a tocar às campanhas / a bater às portas / a falar sobre teatro / a escrever projectos de teatro / a arranjar dinheiro para fazer teatro / a queixar-me de não me darem dinheiro para fazer teatro / a tentar



fazer teatro / a não conseguir fazer teatro / tanto tempo desperdiçado / e agora não tenho tempo / para chegar ao hospital. (p. 89)

Estas personagens em *Paixão*, revelam uma enorme frustração e sentido de culpa quando são confrontadas com o tema da morte: percebem que as suas vidas são levianas, cheias de inércia. À medida que relatam o acontecimento trágico, as personagens-testemunha distanciam-se mimando a separação física dessa noite terrível.

Podemos verificar na segunda canção que o casal se dispersa mais ainda e que cada personagem segue o seu próprio rumo. A sincronia de vozes torna-se cada vez mais rara. Rodrigues usa, num vaivém constante, alusões a *Scarface*<sup>1</sup>, filme a que o casal assistia na noite fatídica, como se espectros dessa mesma película estivessem na memória, na retina, e por vezes nas acções deste casal. Numa evidente rapsodização, os diálogos e acções do filme são utilizados e recriados pelo casal, promovendo uma proximidade entre cinema e teatro. Por vezes "Ele" transforma-se em Al Pacino num jogo partilhado com "Ela":

ELA: A disparar a disparar / os assassinos tentam entrar na mansão / e o al pacino a disparar / a gritar em inglês com sotaque cubano a saber que vai morrer / mas há-de levar alguns com ele / ele é um animal ferido e dispara / dispara dispara e já não é o al pacino / é ele eu sonho com ele / a cara dele no corpo do al pacino / ele de metralhadora em punho / a entrar pelo hospital / a invadir o reino dos mortos. (pp. 97-98)

Após o perigo, os amantes encontram-se em casa onde voltam à banalidade, aos pequenos atritos do dia-a-dia e às discussões. Em perda irremediável de si mesmas, presenciando a sua banal existência e o regresso ao



< >

*Três dedos abaixo do joelho,*

texto e enc. Tiago Rodrigues,

Mundo Perfeito, 2012

(< Isabel Abreu

e Gonçalo Waddington;

> Isabel Abreu),

fol. Magda Bizarro.

Purgatório, as personagens elaboram individualmente projectos de grandes acções, mas que não passarão de desejos, pois a inércia regressará. Numa repetição-variação, assistimos ao momento em que visualizam *Scarface* noite dentro e, tal como da primeira vez, são vencidos pelo sono e adormecem antes do final do filme.

*Tristeza e alegria na vida das girafas* (2011) é sobre uma criança e a sua demanda para realizar um trabalho escolar. E para o fazer precisa de dinheiro para pagar a mensalidade da televisão por cabo para poder ver o documentário *A vida das girafas* no Discovery Channel. A missão desta jovem consiste numa acção completamente banal e que nada tem de épico. Aliás, esta personagem pode ser qualquer aluna, de uma qualquer escola, de uma qualquer família, na qual o pai não tem dinheiro para pagar a televisão por cabo. A identidade e o objectivo são assumidos pela própria personagem logo no início do texto:

GIRAFÁ: Encontro-me na ocasião de apresentar um trabalho escolar intitulado "Tristeza e alegria na vida das girafas". Espero que retirem prazer do visionamento deste trabalho e que não possuam aborrecimento. Um trabalho escolar é uma investigação que um ou mais alunos produzem para apresentar no interior da escola. A escola é o edifício onde as crianças consomem educação. Educação é uma orquestra de regras para o desenvolvimento do corpo e do espírito. [...] A idade que eu possuo é nove anos, um mês e doze dias, a contar do momento em que eu nasci, incluindo os anos bissextos. Sou, portanto, uma criança. Uma criança é a versão mínima de uma pessoa. (p. 35)

Rodrigues cria uma infratextualidade onde o nome e o objecto de estudo são exactamente o mesmo e determina o verdadeiro objectivo da viagem desta criança: a descoberta por si mesma e o seu amadurecimento com a passagem para a puberdade ou pré-adolescência. Girafa escreve o

<sup>1</sup> *Scarface* é um filme realizado por Brian de Palma em 1983, com argumento de Oliver Stone a partir dum romance de Armitage Trail. Emblemático da cinematografia hollywoodesa daquela década, narra o mundo violento em que um imigrante cubano tenta formar um império de tráfico de drogas.

&lt;&gt;

*Tristeza e alegria na vida das girafas,*  
 texto e enc. Tiago Rodrigues,  
 Mundo Perfeito, 2011  
 (< Carla Galvão;  
 > Tónan Quito, Pedro Gil e Miguel Borges),  
 fot. Magda Bizarro.



seu trabalho escolar com o leitor onde, aparentemente, tudo o que a envolve – inclusivamente as outras personagens – é produto seu. Tal como Rodrigues nos tem habituado, as indicações cénicas são raras ou mesmo inexistentes. No entanto, aqui o autor opta por uma inovação no sentido de manter essa mesma rarefação. Como referimos, a Girafa participa e narra, como se escrevesse o seu trabalho e, usando essa característica, Rodrigues torna-a num veículo de indicações cénicas, a nível de ações e de aspetos técnicos:

GIRAFÁ: [...] Isto sou eu a reparar numa loja onde vendem esferovite que parece uma casa cheia de neve. [...] Isto sou eu a reparar que há pedras pretas no chão encaixadas entre as pedras brancas a formar desenhos de barcos e gaivotas. [...] Este é o som da minha alegria no recreio da escola. Este é o som da tristeza do homem que é meu pai a ver-me brincar no recreio da escola. [...] Este é o som da rua. As ruas não existem na natureza: são fabricadas pela espécie humana para facilitar a locomoção. (pp. 37 e 57)

Desta forma o autor mantém a dinâmica textual, não a comprometendo com a inclusão de didascálias.

Nesta sua longa viagem da Girafa pela pólis, é-nos revelado o triângulo eu-casa-mundo. Rodrigues propõe um texto onde nos mostra as dinâmicas, as relações, as irracionalidades e as contradições do mundo aos olhos de uma criança, demonstrando a sua capacidade de expor a intimidade das personagens no espaço público e enveredando, à semelhança de *Coro dos maus alunos* (2009), por um teatro político.

Já na assumida colagem *Três dedos abaixo do joelho* (2012), Rodrigues revela-nos a sua mestria em tomar como sua a memória de outros. E como? Pela apropriação e manipulação, sem receios. Fernando Matos de Oliveira, autor do posfácio, descreve este tempo de escrita da seguinte forma:

Há algo de perverso e inédito na proposta, porque se trata de escrever com as mesmas palavras que silenciaram a escrita. (Matos Oliveira *in* *Ibid.*: 117)

O constante movimento na escrita de Rodrigues proporciona-nos um diálogo com partes muito distintas: o discurso dos censores com a prática teatral e a reunião de textos censurados de vários autores, levando-nos para uma narrativa onde várias forças se confrontam em fronteiras pouco definidas. O autor-colador proporciona-nos um jogo subversivo.

A constante inquietação de Rodrigues por algo novo, vivo, com sangue a correr, único, é visível nestas três obras



separadas por cinco anos. Os veículos que transportam estas histórias são variados e diferentes entre si. Percebemos que este autor tem uma forte preocupação com a forma. Recordemos as palavras de Sarrazac:

O dramaturgo quer criar obra nova, alimentando-se generosamente desta memória obscura das formas, coloca-as em tensão, e junta-as numa espécie de mosaico. (Sarrazac 2002: 179)

É o caso de Tiago Rodrigues. Encontramos também uma tendência rapsódica que implica alterações profundas na linguagem, na categoria teatral, na fábula, no *fait-divers* e nos vasos comunicantes com outras formas de arte (o cinema, por exemplo). Esta mestiçagem, este rompimento com a estrutura hermética e fechada, cria novos pontos de fuga que nos surpreendem constantemente. Nos textos de Rodrigues existe uma constante alteração, ou, melhor dizendo, procura de novos conteúdos e linguagens a nível dramático. Aliás, esta é uma das suas características mais fortes: o desprendimento das regras, das convenções, dos títulos e das catalogações.

Rodrigues é um autor com uma enorme versatilidade e um transgressor no que diz respeito ao conteúdo e à forma, o que lhe confere uma hibridez na escrita. Não será de todo descabido confirmar que este autor é já uma das referências no panorama teatral nacional, e que o trabalho que tem desenvolvido é, sem dúvida, um dos mais interessantes no nosso país.

## Referências bibliográficas

- RODRIGUES, Tiago (2009), "Coro dos maus alunos" *in* AA.VV., *PANOS: Palcos novas palavras novas*, Lisboa, Edições Cotovia.
- SARRAZAC, Jean-Pierre (2002), *O futuro do drama*, [ed. francesa –1999] trad. Alexandra Moreira da Silva, Porto, Campo das Letras.